

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
15 de Julho de 2025  
BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA

**WEISSE REISE / 1978-80**  
**"Viagem Branca"**

*Um filme de Werner Schroeter*

*Argumento, câmara, montagem, escolha musical e som: Werner Schroeter / Cenários: Harald Vogel / Figurinos: Ursula Rodel / Música: trechos de música árabe, havaiana, Schubert, canções por Fréhel e Tino Rossi / Narração: Bulle Ogier / Interpretação: Jim Auwae, Tilly Soffing, Margareth Clémenti, Maria Schneider, Ursula Rodel, Marion Varella, Werner Schroeter. Produção: Eric Franck e Werner Schroeter / Cópia: dcp (transcrito do original em 16 mm),(formato original), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 60 minutos / Estreia mundial: Paris (cinema République), 10 de Dezembro de 1980 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 17 de Março de 1998, no âmbito do ciclo "Um Mar de Filmes).*

\*\*\*\*\*

Realizado em Paris com poucos meios (foi financiado por um pequeno produtor suíço e pelo próprio realizador) e com um grupo de amigos, **Weisse Reise**, foi distribuído comercialmente em França e também foi apresentado no Festival de Berlim. No entanto, não tardou a desaparecer de circulação e tornou-se um dos filmes menos vistos de Schroeter. É um filme peculiar no conjunto da sua produção, na medida em que foi realizado num momento (fins da década de 70) em o cineasta se aventurava pelo terreno das produções mais "oficiais", destinadas a circuitos de distribuição "normais", com **Il Regno di Napoli** e **Palermo oder Wolfsburg**. Todo cineasta "marginal" é tentado pela experiência de produções destinadas a um público menos restrito e pelo trabalho com meios mais vastos. Mas o simples facto de Schroeter ter trabalhado simultaneamente em **Il Regno di Napoli** e **Weisse Reise**, dois projetos muito diferentes do ponto de vista económico e igualmente representativos da sua estética e das mitologias do seu cinema, mostra que a coerência de um projecto artístico não depende diretamente dos meios materiais utilizados.

E os meios utilizados por Schroeter em **Weisse Reise** são extremamente simples resultando, por isto mesmo, numa absoluta estilização. Não há diálogos, apenas narração *off* e os cenários são compostos por uma série de telas pintadas. Este filme, que narra uma viagem (Tunes, Nápoles, Génova, Hamburgo, a América Central, São Francisco, Hong-Kong) através dos mares, foi inteiramente realizado num diminuto estúdio, num palco. **Weisse Reise** é um filme de cenários fechados, que se abrem para e pela imaginação. Ao que parece, o projecto inicial previa filmagens em cenários reais, em diversos portos através do mundo, mas devido à falta de meios Schroeter alterou radicalmente a articulação estética do filme e enveredou por este exemplo extremo - e extremamente belo - de artesanato e *bricolage* cinematográficos que é **Weisse Reise**. As telas pintadas evocam portos, ruas, barcos e a voz da narradora conta-nos a história e leva-nos através dos mares. A viagem que nos descreve Schroeter é uma viagem através do desejo e da paixão, uma paixão entre dois marinheiros, que Schroeter descreve obsessivamente no texto narrativo como *pura e inocente*: numa certa passagem, é dito que os dois marinheiros têm "*convicções amicais*" e "*idealismo*", o idealismo que nasce de toda pulsão afetiva. E para esta viagem, para esta "*cartografia do desejo*", como escreveu Charles Tesson, a mais bela paisagem é a que propõem as telas pintadas de Harald Vogel, a voz de Bulle Ogier e a colagem musical feita pelo realizador, em que velhas canções francesas, de Tino

Rossi e Fréhel, misturam-se a um *lied* de Schubert e a melodias árabes e hispano-americanas.

Paira sobre este filme a longínqua sombra de Jean Genet e também é possível estabelecer uma analogia entre a atitude estética de Schroeter e a de um Sternberg, num filme também realizado com poucos meios e que também é uma aventura radical, **The Saga of Anatahan** (voz *off*, cenários assumidamente de estúdio). Mas em **Weisse Reise** Schroeter leva-nos muito mais longe do que estas referências. Levamos aos começos do cinema, ao cinema mudo no seu período dito "primitivo": uma câmara quase imóvel, um actor diante de uma tela pintada, que transmite através de movimentos de mímica aquilo que sente e aquilo que se passa. A guiar estas imagens, com um efeito e uma função evidentemente muito diferentes dos intertítulos de um filme mudo, a voz *off*, sempre em ligeira *décalage* em relação ao que vemos e, ao mesmo tempo, sempre presa a aquilo que vemos, à "ação" do filme, sempre impregnada pela mitologia dos portos, dos cabarets, do *bas fonds*, dos *mauvais garçons*: o cabaret na Tunísia, o quarto em casa da mãe de Fausto, a desagradável presença do pai de Thomas (representados pela mesma atriz), o acidente, o crime, a morte. Poucos cineastas exploram tão a fundo a voz humana como Schroeter, o que é ainda mais sensível neste filme, em que a voz falada está sempre em *off*, voz sem corpo, voz só voz: a voz de uma grande atriz de teatro, Bulle Ogier, que diz com grande simplicidade um texto em que são cuidadosamente evitados os devaneios literários e dá ao filme o seu tom de poesia oral. Sobrepondo-se à voz de Bulle Ogier, a música, como em tantos filmes de Schroeter, vem comentar e enaltecer a aventura amorosa.

São estes os elementos de um filme que é declaradamente um melodrama. Uma história de amor, que termina com a morte de um os personagens, seguida pela morte do outro, que morre literalmente de amor, que morre pela falta do outro. O filme, que começa por um plano fixo de um dos homens, termina por outro plano fixo, com uma imagem que evoca a de São Sebastião. Neste sentido, por esta exploração de uma certa estética do martírio, Schroeter dá o seu contributo pessoal a uma certa iconografia *gay* (algo que é difícil definir mas fácil de reconhecer), que pode ser facilmente de alcance limitado e gosto que duvidoso, mas não nas mãos de um Werner Schroeter.

Antonio Rodrigues